

Os condicionantes do empreendedorismo feminino nas áreas rurais do Brasil em 2019

Maria dos Santos Marques¹  | Keuler Hissa Teixeira² 

¹ Mestre em Economia pelo Programa de Pós-graduação em Economia (PPGE) da Universidade Federal de Alagoas (UFAL). E-mail: marquesmaria123@outlook.com

² Professor Associado da Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade (FEAC) e do Programa de Pós-graduação em Economia (PPGE) da Universidade Federal de Alagoas (UFAL). E-mail: keulerhissa@hotmail.com

RESUMO

Este estudo analisa os determinantes do empreendedorismo feminino em áreas rurais do Brasil, com base nos microdados da PNAD Contínua de 2019 e em estimativas por modelo logit. Os resultados mostram que mulheres responsáveis pelo domicílio, com idade mais avançada e com jornadas longas apresentam maior probabilidade de empreender, especialmente no setor agrícola. No setor não agrícola, o uso de computador, o acesso à internet e o apoio do programa Bolsa Família impulsionam o empreendedorismo. Regionalmente, o empreendedorismo é mais favorecido no Sul e Nordeste, enquanto a escolaridade superior reduz a probabilidade de empreender no Norte e Nordeste. Por nível de renda, os efeitos da idade, a atividade agrícola, a aposentadoria e os programas sociais são mais fortes nos extremos da distribuição, sugerindo que o empreendedorismo reflete tanto necessidade quanto oportunidade. Os resultados destacam a importância de políticas públicas sensíveis ao gênero, ao território e à renda para fortalecer a autonomia econômica das mulheres rurais.

PALAVRAS-CHAVE

Empreendedorismo rural feminino, Desenvolvimento regional, Modelos *logit*

Determinants of female entrepreneurship in rural areas of Brazil in 2019

ABSTRACT

This study analyzes the determinants of female entrepreneurship in rural areas of Brazil, based on microdata from the 2019 Continuous National Household Survey (PNAD Contínua) and estimates using a logit model. The results show that women who are heads of households, older women, and women who work long hours are more likely to be entrepreneurs, especially in the agricultural sector. In the non-agricultural sector, computer use, internet access, and support from the Bolsa Família program boost entrepreneurship. Regionally, entrepreneurship is more favored in the South and Northeast, while higher education reduces the probability of entrepreneurship in the North and Northeast. By income level, the effects of age, agricultural activity, retirement, and social programs are stronger at the extremes of the distribution, suggesting that entrepreneurship reflects both need and opportunity. The results highlight the importance of public policies that are sensitive to gender, territory, and income to strengthen the economic autonomy of rural women.

KEYWORDS

Female rural entrepreneurship, Regional development, Logit models

CLASSIFICAÇÃO JEL

J21, J24, L26

1. Introdução

O empreendedorismo no Brasil tem crescido, impulsionando a economia e gerando empregos e renda. Segundo o *Global Entrepreneurship Monitor* GEM (2019), 38,7% da população estava envolvida em atividades empreendedoras. Tradicionalmente, a literatura focou no empreendedorismo urbano, especialmente em indústrias, comércio e inovação de produtos (Dias et al., 2019a). Contudo, o empreendedorismo rural é fundamental para o desenvolvimento local, maximizando recursos, gerando empregos e reduzindo a migração para áreas urbanas (Balraj e Velmurugan, 2017). Nesse contexto, empreendedores rurais investem em diversificação de cultivos, melhores rebanhos e tecnologias para aumentar a produtividade e reduzir custos (Kahan, 2012).

Além disso, a participação feminina nesse cenário tem crescido, embora tenha sido discreta por muito tempo. Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2011), as mulheres rurais responderam por 42,4% do rendimento familiar, indicando sua maior inserção no mercado de trabalho. Essa evolução também é evidenciada pelo Censo Agropecuário de 2017, no qual consta que a proporção de mulheres produtoras rurais aumentou de 12,7% para 18,7% (IBGE, 2019a). Além disso, de acordo com o Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE, 2019), as mulheres representam 15% dos empreendedores rurais no Brasil.

Diante desse cenário, a atuação feminina no meio rural vai além da geração de renda, desempenhando um papel relevante na preservação do território, no desenvolvimento local e na conservação do patrimônio agrícola (Felisbino e Yamaguchi, 2016). Além disso, fatores como o contexto espacial e os recursos disponíveis influenciam diretamente as oportunidades e os desafios enfrentados pelas mulheres empreendedoras no campo (Müller e Korsgaard, 2017).

Nesse sentido, no meio rural, a decisão sobre o que produzir, com quem colaborar e quais mercados atender é influenciada pelo contexto local em que os agricultores estão inseridos. Dado o exposto, é fundamental entender os fatores que influenciam o empreendedorismo feminino rural para maximizar sua contribuição ao desenvolvimento local. Dessa forma, quais aspectos individuais, familiares, setoriais e regionais determinam a escolha das mulheres pelo empreendedorismo no meio rural brasileiro? Como a renda domiciliar *per capita* influencia essa decisão? Existem diferenças regionais que afetam o empreendedorismo feminino rural no Brasil?

Diante dessas perguntas, este estudo levanta as seguintes hipóteses: primeiro, fatores individuais, como idade e escolaridade, bem como características do domicílio, tais como o papel da mulher como responsável, o número de moradores e o acesso a recursos digitais (televisão, internet e computador), influenciam a probabilidade de mulheres se tornarem empreendedoras no ambiente rural do Brasil, podendo variar conforme o setor de atuação. Segundo, a renda domiciliar per capita influencia essa decisão, sendo que rendas mais baixas estão associadas a uma maior motivação para empreender por necessidade. Por fim, as diferenças regionais influenciam a propensão

ao empreendedorismo feminino rural, com variações significativas entre as regiões do Brasil.

O objetivo geral é examinar como características individuais, domiciliares e regionais influenciam o empreendedorismo feminino rural no Brasil em 2019. Os objetivos específicos incluem: (1) analisar a probabilidade individual de mulheres se tornarem empreendedoras, considerando atividades agrícolas e não agrícolas; (2) identificar fatores socioeconômicos e geográficos que influenciam o empreendedorismo feminino nas cinco regiões do Brasil e (3) avaliar como a renda domiciliar *per capita* influencia o empreendedorismo feminino rural em diferentes quantis de renda. Para isso, será utilizado o modelo *logit*, empregando os microdados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNADC) de 2019, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2019b).

A pesquisa contribui para a literatura ao abordar uma lacuna relevante sobre o empreendedorismo feminino rural no Brasil, tema ainda pouco estudado. O estudo amplia a compreensão dessas dinâmicas, oferece subsídios para políticas públicas eficazes, favorece o desenvolvimento rural sustentável e promove a equidade de gênero, ampliando oportunidades para mulheres rurais. Além desta introdução, o trabalho está dividido em quatro seções: revisão da literatura; metodologia e dados; resultados da análise; e considerações finais.

2. Revisão de Literatura Teórica

Esta seção busca apresentar as principais abordagens e os estudos sobre o empreendedorismo feminino rural, bem como as evidências empíricas que exploram os fatores que motivam as mulheres a se tornarem empreendedoras no meio rural.

2.1 Empreendedorismo feminino rural

O *Global Entrepreneurship Monitor* (GEM, 2017) define o empreendedorismo como o esforço para criar um novo empreendimento, seja como atividade autônoma ou empresa, formalizada ou não, bem como a expansão de negócios já existentes. Esse fenômeno pode ocorrer por oportunidade ou necessidade, sendo este último motivado pela falta de alternativas no mercado de trabalho (Corrêa e Vale, 2014). Além disso, características socioeconômicas e geográficas influenciam diretamente o perfil dos empreendedores (Menezes et al., 2015).

No contexto rural, o empreendedorismo tem grande relevância, pois os empreendedores agregam valor aos recursos locais e impulsionam a diversificação econômica (Alabi e Famakinwa, 2019). Tradicionalmente associado à atividade agrícola, o meio rural tem passado por mudanças significativas, exigindo dos agricultores adaptação contínua às novas demandas de mercado e hábitos de consumo (Santos et al., 2021).

Embora nem sempre sejam vistos como empreendedores, os agricultores inovam

dentro de suas limitações e impulsionam a economia local (Tomei e Lima, 2014). A valorização dos recursos locais e o incentivo a negócios rurais são estratégias para o desenvolvimento sustentável (Sanders e Galloway, 2013). Além disso, apesar das diferenças em relação a setores como manufatura e tecnologia, os agricultores também tomam decisões estratégicas para maximizar seus lucros (Dias et al., 2019b). A influência regional no empreendedorismo rural é evidente, pois os empreendedores atuam como agentes transformadores da economia local (Schmidt e Bohnenberger, 2009).

Dentro desse cenário, destaca-se a crescente participação feminina. Segundo o Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada (Barros et al., 2018), a presença das mulheres no setor rural aumentou de 24,1% para 28% nos últimos anos. Esse avanço pode ser atribuído a fatores como a redução da taxa de fecundidade e o aumento da chefia feminina nos lares (Cielo et al., 2014). Contudo, o papel das mulheres na agricultura ainda é subestimado, reflexo de estereótipos que associam o meio rural ao ambiente masculino (Lisboa e Lusa, 2010). No entanto, o empreendedorismo feminino nas zonas rurais desempenha um papel significativo, fortalecendo comunidades ao gerar renda e aumentar a autonomia das mulheres (Butto et al., 2012).

A decisão de empreender no meio rural é influenciada por múltiplos fatores interligados, sendo a renda um aspecto central (Bui et al., 2018). Rosa et al. (2020) e Serpa et al. (2022) destacam que a chefia de família e a necessidade de sustentar o lar incentivam o empreendedorismo por necessidade. No entanto, além da busca por renda, outras variáveis influenciam a viabilidade e o sucesso dos negócios liderados por mulheres.

A escolaridade, por exemplo, afeta diretamente a capacidade de gestão e a inserção em mercados mais competitivos. Mulheres com maior nível educacional tendem a obter rendimentos mais elevados, sobretudo quando atuam como empregadoras (Rosa et al., 2022). Além disso, a localização geográfica e as condições socioeconômicas da região influenciam as oportunidades empreendedoras disponíveis (Camargo Neto et al., 2022).

Outro fator relevante para o fortalecimento do empreendedorismo feminino no meio rural é o ambiente institucional. Medidas como políticas públicas de acesso a crédito, programas de capacitação e suporte técnico podem ampliar as oportunidades para mulheres empreendedoras (Alam et al., 2024). Dessa forma, embora a renda seja um fator motivador central, o sucesso do empreendedorismo feminino rural depende da interação entre educação, contexto econômico e apoio institucional. Esses elementos, combinados, determinam não apenas a decisão de empreender, mas também a sustentabilidade e o crescimento dos negócios liderados por mulheres no meio rural.

2.2 Revisão da literatura empírica

O empreendedorismo feminino rural ainda é pouco explorado. Estudos mostram que sua relevância vai além do desenvolvimento econômico, envolvendo oportunidades, necessidades, condições socioeconômicas e contextos regionais. Pesquisas em diferentes escalas analisam essa temática sob variadas perspectivas.

Merhy et al. (2017) investigaram disparidades de gênero no empreendedorismo global, com dados do *Global Entrepreneurship Monitor* (GEM) de 107 países (2007–2015). Utilizando dados em painel, os autores analisaram como aspirações, percepções e ambiente empresarial influenciam a participação feminina. Os resultados apontam variações entre continentes, destacando o papel do contexto socioeconômico. Nesse sentido, Segantini e Dickes (2021) analisaram o empreendedorismo feminino nos Estados Unidos, focando em empresas lideradas por mulheres em áreas urbanas e rurais. Com dados do *Panel Study of Entrepreneurial Dynamics* (PSED) (1999–2003 e 2005–2012) e modelos como regressão logística e modelo de Cox, os estudos concluíram que o financiamento externo é determinante para a sobrevivência e a lucratividade de negócios rurais, sobretudo nas fases iniciais.

Na América Latina, Tovar Cuevas et al. (2021) analisaram fatores que levam mulheres colombianas retornadas a empreender, com dados do *Global Entrepreneurship Monitor* (2012) e modelos *probit* e *logit*. Contatos no exterior, escolaridade e experiência empresarial aumentam essa probabilidade, destacando-se o papel das redes no retorno migratório. No México, Taxis Flores et al. (2023) analisaram dados da ENOE (2019–2021) e observaram que a escolaridade facilita a inserção no mercado, mas reduz a propensão a empreender. Já fatores como idade, número de filhos e estado civil aumentam essa probabilidade. Na fronteira norte, o empreendedorismo feminino é motivado pela necessidade, devido à instabilidade econômica.

Ampliando o escopo, Gulvira et al. (2024) analisaram a contribuição do empreendedorismo feminino no crescimento econômico de países desenvolvidos e em desenvolvimento (2012–2022), com dados do Banco Mundial, PNUD, CEMAC e UNESCO, aplicando o método de mínimos quadrados ordinários. Os autores concluíram que o subdesenvolvimento do empreendedorismo feminino é um potencial inexplorado, destacando a necessidade de políticas mais eficazes. Por sua vez, Alam et al. (2024) estudaram economias asiáticas (2001–2020), com dados do *Global Entrepreneurship Monitor* (GEM) e análise de dados em painel, e identificaram que o empreendedorismo feminino na região é movido por oportunidades, mas enfrenta barreiras como burocracia e carga tributária.

No Brasil, Oliveira e Jacinto (2017) analisaram os retornos do empreendedorismo feminino entre 1992 e 2015, com dados da PNAD. Utilizando regressão quantílica e decomposição de *Oaxaca-Blinder*, os referidos autores identificaram que mulheres brancas, casadas e chefes de família tendem a obter maiores rendimentos. O efeito da escolaridade foi ambíguo, já que, em alguns casos, mulheres mais instruídas apre-

sentaram rendimentos menores, possivelmente pela dupla jornada e expansão do ensino formal. O estudo também apontou efeitos econômicos contra-cíclicos até 2005 e pró-cíclicos depois, refletindo o cenário macroeconômico. Por outro lado, Rosa et al. (2020), com base na PNAD de 2015 e no modelo *probit*, destacaram desigualdades regionais e apontaram raça, idade, escolaridade e chefia de família como fatores determinantes na decisão de empreender.

Complementando essa perspectiva, Serpa et al. (2022) aplicaram um modelo de escolha ocupacional com dados da PNAD de 2015 e constataram que mulheres casadas, com filhos pequenos e com baixa escolaridade tendem a empreender por necessidade, sobretudo na região Norte, indicando a influência da vulnerabilidade socioeconômica. No mesmo ano-base, Rosa et al. (2022) utilizaram a decomposição de *Oaxaca-Blinder* e o modelo de *Heckman*, revelando que empreendedoras autônomas ganham menos por hora do que assalariadas, enquanto aquelas que atuam como empregadoras têm rendimentos superiores. A escolaridade mostrou-se fator decisivo na renda das empreendedoras.

No meio rural, Camargo Neto et al. (2022), com dados da PNADC (2012–2020) e modelo *probit* segmentado por quantis de renda, mostraram que localização, escolaridade e renda afetam a participação no empreendedorismo agrícola, com variações entre faixas de renda. Lima e Duarte (2021), por sua vez, analisaram o impacto do Programa Bolsa Família com dados da PNAD de 2014 e métodos como *propensity score matching* e mínimos quadrados ordinários. Concluíram que o programa não gera dependência econômica, pois não houve diferença significativa na jornada de trabalho entre beneficiárias e não beneficiárias.

Contudo, embora existam estudos sobre empreendedorismo, empreendedorismo feminino e empreendedorismo rural de forma separada, há uma lacuna significativa na literatura quando se trata da interseção desses temas. Poucas pesquisas abordam especificamente desafios e oportunidades do empreendedorismo feminino rural, considerando suas particularidades socioeconômicas e estruturais. Essa lacuna limita a compreensão dos fatores que influenciam a atuação dessas mulheres, prejudicando políticas e estratégias de fomento. Portanto, são necessárias investigações mais aprofundadas para apoiar efetivamente o empreendedorismo feminino no meio rural.

3. Metodologia

3.1 Variáveis e base de dados

Para analisar os fatores que influenciam o empreendedorismo feminino rural, este estudo utiliza dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNADC)¹

¹A escolha da PNADC baseia-se na abrangência e qualidade das informações fornecidas sobre a força de trabalho e as características demográficas da população brasileira. A pesquisa cobre aproximadamente 211 mil domicílios a cada trimestre, distribuídos em cerca de 16 mil setores censitários, localizados em 3.464 municípios. Em relação à antiga PNAD, a PNADC oferece maior precisão nas estimativas, especialmente nas regiões menos populosas e áreas rurais (Camargo Neto et al., 2022).

de 2019, realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2019b). A escolha desse ano se justifica por representar um período de estabilidade econômica anterior à pandemia de COVID-19, permitindo examinar fatores estruturais sem interferências de políticas emergenciais ou choques econômicos. Ademais, utilizar 2019 como referência possibilita comparações futuras, contribuindo para o entendimento das mudanças no empreendedorismo feminino rural.

Para explorar heterogeneidades nos determinantes do empreendedorismo feminino rural segundo o nível de renda, foram estimados modelos por quantis da renda domiciliar *per capita*: Q25, Q50, Q75 e Q90, representando perfis de baixa, mediana, média-alta e alta renda. A inclusão do Q90 permite captar comportamentos nas faixas superiores, em que o empreendedorismo tende a ser mais por oportunidade do que por necessidade. Essa abordagem revela variações nos efeitos das variáveis explicativas ao longo da distribuição, ampliando a compreensão das dinâmicas envolvidas.

A amostra do estudo é composta por mulheres entre 18 e 64 anos, residentes em áreas rurais e aptas a escolher uma ocupação. A variável dependente, empreendedorismo feminino rural, foi definida como 1 para empreendedoras rurais (trabalhadoras por conta própria e empregadoras) e 0 para não empreendedoras, grupo que inclui empregadas, trabalhadoras domésticas, trabalhadoras na construção para uso próprio, trabalhadoras não remuneradas em unidades domiciliares e outras ocupações sem remuneração.

Dentre as variáveis explicativas, destaca-se a condição de responsável pelo domicílio, categorizada como 0 para não responsável (referência) e 1 para responsável, permitindo avaliar sua influência na decisão de empreender. O número de moradores no domicílio foi segmentado em um morador (referência), dois moradores e três ou mais moradores. A renda domiciliar *per capita* foi dividida em seis faixas: abaixo de R\$500, entre R\$500 e R\$1.000, entre R\$1.000 e R\$1.500, entre R\$1.500 e R\$2.500, entre R\$2.500 e R\$5.000 e acima de R\$5.000. Essa segmentação possibilita avaliar a relação entre níveis de renda e propensão ao empreendedorismo feminino rural.

Além disso, foram analisadas variáveis relacionadas à conectividade digital, como acesso à internet, posse de computador e televisão, todas binárias, com o objetivo de compreender a influência da tecnologia na gestão dos negócios e no desenvolvimento de habilidades empreendedoras. A análise regional adotou a região Norte como referência, com as demais classificadas como Nordeste, Sudeste, Sul e Centro-Oeste.

As variáveis individuais incluíram faixa etária, segmentada em 18–24 anos (referência), 25–34, 35–44, 45–54 e 55–64 anos, e cor ou raça da pele, variável binária, em que 0 representa não branca (preta, parda, amarela e indígena) e 1 representa branca. O nível de instrução foi categorizado em (0) ensino fundamental incompleto (referência), (1) ensino fundamental completo, (2) ensino médio completo e (3) ensino superior. A quantidade de horas trabalhadas por semana foi distribuída em até 15 horas (referência), 15 a 39 horas, 40 a 44 horas, 45 a 48 horas e mais de 49 horas.

Outros fatores analisados incluem participação sindical, recebimento de aposentadoria, pensão do INSS e Bolsa Família, todos como variáveis binárias para avaliar sua influência no empreendedorismo feminino rural. A variável atividade agrícola, também binária, indica se a mulher atua em áreas como agricultura, pecuária, produção florestal, pesca e aquicultura, diferenciando empreendedoras agropecuárias das demais. Essas variáveis estão detalhadas no Quadro A.1 do Apêndice, oferecendo uma visão ampla das dinâmicas socioeconômicas envolvidas.

3.2 Modelo *logit*

O estudo utiliza a metodologia de Serpa et al. (2022), com modelos de escolha discreta para analisar o empreendedorismo feminino. Esses modelos avaliam variáveis binárias da decisão de empreender, calculando as probabilidades e maximizando a utilidade. Destacam-se os modelos *probit* e *logit*, que diferem pela distribuição do erro: normal no *probit* e logística no *logit*.

Nesta análise, aplica-se o modelo *logit* para investigar os fatores que influenciam o empreendedorismo feminino em áreas rurais, com foco em aspectos individuais. A variável dependente é categórica: valor 1 para mulheres empreendedoras e 0 para não empreendedoras. A probabilidade de empreender é determinada por diversos fatores, com o erro assumindo distribuição logística. Assim, utiliza-se a função de probabilidade condicional do modelo *logit*:

$$\Pr(Y_i = 1 \mid x'_i) = G(x'_i) = \frac{\exp(x'_i\beta)}{1 + \exp(x'_i\beta)} \quad (1)$$

O termo $G(\cdot)$ denota a função de distribuição acumulada logística. Assim, Y_i assume o valor um se a mulher residente em área rural for empreendedora, e zero se não for. O vetor x'_i inclui variáveis explicativas individuais, demográficas, socioeconômicas e geográficas. A estimação é feita por máxima verossimilhança, que determina os parâmetros que maximizam a função de verossimilhança, expressa da seguinte forma:

$$L(\beta) = \sum_i^N \left[Y_i \ln \left(\frac{\exp(x'_i\beta)}{1 + \exp(x'_i\beta)} \right) + (1 - Y_i) \ln \left(\frac{1}{1 + \exp(x'_i\beta)} \right) \right] \quad (2)$$

Os coeficientes do modelo *logit*, estimados por máxima verossimilhança, não têm a mesma interpretação dos obtidos por Mínimos Quadrados Ordinários, pois a não linearidade do modelo impede atribuição de significado econômico direto aos seus valores. Assim, a análise deve focar no sinal e na significância estatística. Diferentemente da regressão linear, o efeito do regressor no *logit* depende também da probabilidade de o evento não ocorrer (Greene, 2020; Cameron e Trivedi, 2005).

Assim, a interpretação mais adequada dos coeficientes se dá por meio dos efeitos

marginais e das razões de chance (*odds ratio*), que expressam a relação entre a probabilidade de ocorrência e não ocorrência do evento. Dessa forma, a razão de chances que indica a ocorrência de um determinado evento é dada por:

$$\text{Odds} = \frac{\text{Prob}(Y = 1 | x')}{\text{Prob}(Y = 0 | x')} = \frac{\exp(x'_i\beta)/[1 + \exp(x'_i\beta)]}{1/[1 + \exp(x'_i\beta)]} = \exp(x'_i\beta) \quad (3)$$

Linearizando, tem-se que:

$$\ln \frac{p}{1-p} = x'_i\beta \quad (4)$$

Para verificar o ajuste do modelo de regressão logística, utilizamos o teste de *Hosmer-Lemeshow*, que compara as frequências observadas com as estimadas na amostra. Neste estudo, a adequação do modelo aos dados será avaliada por meio de uma variante do teste de *Hosmer-Lemeshow*, conforme descrito por Archer e Lemeshow (2006).

4. Análise dos Resultados

A Tabela 1 apresenta uma análise preliminar da amostra, destacando o perfil das mulheres rurais no Brasil e as dinâmicas do empreendedorismo agrícola e não agrícola. Nota-se maior proporção de empreendedoras no setor agrícola (37,29%) do que no não agrícola (22,74%), possivelmente pela falta de empregos formais nas áreas rurais. Além disso, a proporção de mulheres responsáveis pelo domicílio é maior no setor não agrícola (32,60%) do que no agrícola (25,37%), indicando uma relação mais forte entre atividades não agrícolas e responsabilidades familiares.

Quanto à cor ou raça, a proporção de mulheres brancas é maior no setor agrícola (42,41%) do que no não agrícola (37,96%), indicando representatividade relativamente maior na agricultura. Em relação à renda domiciliar *per capita*, as faixas mais baixas (< R\$500 e R\$500–R\$1.000) são mais comuns no setor agrícola (9,86% e 16,12%) do que no não agrícola (6,02% e 11,28%). Já as faixas mais altas (R\$2.500–R\$5.000 e ≥ R\$5.000) concentram-se no setor não agrícola (30,85% e 13,48%), sugerindo melhores condições econômicas nesse segmento.

A análise por faixa etária indica que mulheres entre 45 e 54 anos têm maior participação no setor agrícola (26,41%) em comparação ao setor não agrícola (17,72%), o que pode estar relacionado à baixa mobilidade ocupacional e à falta de alternativas no mercado de trabalho agrícola. No que diz respeito ao nível educacional, 65,08% das mulheres na agricultura possuem ensino fundamental incompleto, enquanto no setor não agrícola essa proporção é menor (34,06%). Por outro lado, o ensino superior é mais comum entre as mulheres do setor não agrícola (16,17%) do que do agrícola (2,48%), o que sugere uma maior exigência de qualificação para atuar fora da agricultura.

A composição dos domicílios é semelhante entre os setores, com leve predominância de três ou quatro moradores nas atividades não agrícolas (56,15% contra 53,13% no agrícola), indicando condições familiares relativamente homogêneas. A distribuição das horas trabalhadas mostra diferenças relevantes: mais mulheres na agricultura trabalham entre 15 e 39 horas semanais (42,55%) em relação ao setor não agrícola (34,86%), possivelmente devido à natureza intermitente e sazonal do trabalho agrícola, que permite maior flexibilidade.

O acesso a bens e recursos tecnológicos varia entre os setores. Mulheres no setor não agrícola apresentam maior posse de internet (76,66%) e computador (29,81%) em comparação às do setor agrícola (58,05% e 19,23%, respectivamente), indicando maior conectividade e acesso à tecnologia fora do meio rural. A posse de televisão é elevada em ambos os setores, mas ligeiramente superior no setor não agrícola (95,45% contra 93,36%), refletindo uma presença mais uniforme desse bem entre os domicílios.

O recebimento do Bolsa Família é mais frequente entre mulheres do setor agrícola (33,16%) do que do não agrícola (23,04%), indicando maior dependência de assistência social, possivelmente por conta da menor renda média. A participação sindical também é maior na agricultura (27,19%) em comparação ao setor não agrícola (14,89%), o que sugere maior organização coletiva no meio rural para a defesa de direitos e de melhores condições de trabalho.

A análise regional revela que o Nordeste tem a maior participação de mulheres em atividades agrícolas (31,35%), enquanto o Sudeste apresenta a maior concentração de mulheres no setor não agrícola (23,60%). Esse padrão pode estar relacionado ao maior nível de industrialização e à oferta de empregos formais nas regiões mais desenvolvidas, tornando a agricultura uma alternativa mais comum para mulheres em áreas economicamente menos dinâmicas.

As mulheres rurais no Brasil possuem perfis distintos entre os setores agrícola e não agrícola. No setor não agrícola, elas têm maior escolaridade, acesso a tecnologias, renda mais alta e frequentemente chefiam os domicílios. Já no setor agrícola, enfrentam maior dependência de programas sociais, baixa escolaridade e rendimentos inferiores. Nesse contexto, o empreendedorismo surge sobretudo como estratégia de subsistência, refletindo um padrão por necessidade, embora ofereça alternativa à falta de empregos formais, limitações estruturais dificultam sua sustentabilidade e crescimento, reforçando seu caráter de necessidade, não de oportunidade.

A Tabela 2 apresenta os resultados da regressão logística que identificam os determinantes do empreendedorismo feminino rural por tipo de atividade no Brasil em 2019. Ser responsável pelo domicílio aumenta significativamente a probabilidade de uma mulher empreender no setor agrícola (O.R = 2,516), reforçando os achados de Camargo Neto et al. (2022). No setor não agrícola, embora o efeito seja menor, ainda é relevante (O.R = 1,494), indicando que a chefia do domicílio está associada ao empreendedorismo em ambos os contextos.

Tabela 1. Estatística descritiva com pesos amostrais de mulheres adultas em área rural na semana de referência da PNADC 2019

Variável	Categorias				Total				Agrícola				Não Agrícola			
	Obs	Média	Desvio-padrão	Min	Max	Obs	Média	Desvio-padrão	Min	Max	Obs	Média	Desvio-padrão	Min	Max	
Empreendedor	Sim	943.182	0.2768	0.4474	0	1	431.299	0.3729	0.4836	0	1	511.883	0.2274	0.4192	0	1
	Não	2.464.441	0.7232	0.4474	0	1	725.252	0.6271	0.4836	0	1	1.739.189	0.7726	0.4192	0	1
	Total	3.407.623					1.156.551					2.251.072				
Responsável pelo domicílio	Sim	2.521.986	0.2919	0.4546	0	1	293.444	0.2537	0.4351	0	1	733.791	0.3260	0.4687	0	1
	Não	6.117.731	0.7081	0.4546	0	1	863.107	0.7463	0.4351	0	1	1.517.281	0.6740	0.4687	0	1
	Total	8.639.717					1.156.551					2.251.072				
Cor ou raça	Branca	2.753.211	0.3187	0.4660	0	1	490.535	0.4241	0.4942	0	1	854.447	0.3796	0.4853	0	1
	Não branca	5.886.389	0.6813	0.4660	0	1	666.016	0.5759	0.4942	0	1	1.396.625	0.6204	0.4853	0	1
	Total	8.639.600					1.156.551					2.251.072				
Renda domiciliar per capita R\$	< R\$500	1.311.329	0.1518	0.3588	0	1	114.032	0.0986	0.2981	0	1	135.457	0.0602	0.2378	0	1
	R\$500–1000	1.496.057	0.1732	0.3784	0	1	186.384	0.1612	0.3677	0	1	253.872	0.1128	0.3163	0	1
	R\$1000–1500	1.460.811	0.1691	0.3748	0	1	193.033	0.1669	0.3729	0	1	306.824	0.1363	0.3431	0	1
	R\$1500–2500	2.040.109	0.2361	0.4247	0	1	274.579	0.4255	0.2475	0	1	557.051	0.2475	0.4315	0	1
	R\$2500–5000	1.724.992	0.1997	0.3997	0	1	270.375	0.2338	0.4232	0	1	694.390	0.3085	0.4619	0	1
	> R\$5000	606.419	0.0702	0.2555	0	1	118.148	0.1022	0.3029	0	1	303.448	0.1348	0.3415	0	1
	Total	8.639.718					1.156.551					2.251.072				
Faixa etária	18–24 anos	1.657.362	0.1918	0.3937	0	1	127.656	0.1104	0.3134	0	1	381.050	0.1693	0.3750	0	1
	25–34 anos	2.186.233	0.2530	0.4348	0	1	264.688	0.2289	0.4201	0	1	660.143	0.2933	0.4553	0	1
	35–44 anos	1.951.936	0.2259	0.4182	0	1	302.360	0.2614	0.4394	0	1	643.792	0.2860	0.4519	0	1
	45–54 anos	1.557.728	0.1803	0.3844	0	1	305.426	0.2641	0.4408	0	1	398.987	0.1772	0.3819	0	1
	55–64 anos	1.286.458	0.1489	0.3560	0	1	156.421	0.1352	0.3420	0	1	167.100	0.0742	0.2621	0	1
	Total	8.639.717					1.156.551					2.251.072				
Nível de instrução mais elevado	Fund. incompleto	4.262.216	0.5507	0.4974	0	1	699.403	0.6508	0.4767	0	1	678.248	0.3406	0.4739	0	1
	Fund. completo	827.715	0.1069	0.3090	0	1	123.597	0.1150	0.3190	0	1	202.402	0.1016	0.3022	0	1
	Médio completo	2.188.590	0.2828	0.4503	0	1	224.998	0.2094	0.4068	0	1	788.612	0.3960	0.4891	0	1
	Superior	461.324	0.0596	0.2368	0	1	26.690	0.0248	0.1556	0	1	321.947	0.1617	0.3682	0	1
	Total	7.739.845					1.074.678					1.991.209				
Número de moradores no domicílio	Um	163.275	0.0189	0.1362	0	1	19.863	0.0172	0.1299	0	1	44.594	0.0198	0.1393	0	1
	Dois	1.685.201	0.1951	0.3962	0	1	256.946	0.2222	0.4157	0	1	442.155	0.1964	0.3973	0	1
	Três ou quatro	4.513.940	0.5225	0.4995	0	1	614.479	0.5313	0.4990	0	1	1.263.992	0.5615	0.4962	0	1
	> Quatro	2.277.301	0.2636	0.4406	0	1	265.263	0.2294	0.4204	0	1	500.331	0.2223	0.4158	0	1
	Total	8.639.717					1.156.551					2.251.072				
Número de horas trabalhadas por semana	<15 horas	539.082	0.1582	0.3649	0	1	157.350	0.1361	0.3428	0	1	381.742	0.1696	0.3753	0	1
	15–39 horas	1.276.781	0.3747	0.4840	0	1	492.159	0.4255	0.4944	0	1	784.622	0.3486	0.4765	0	1
	40–44 horas	1.051.689	0.3086	0.4619	0	1	282.363	0.2441	0.4296	0	1	769.326	0.3418	0.4743	0	1
	45–48 horas	212.679	0.0624	0.2419	0	1	64.933	0.0561	0.2302	0	1	147.746	0.0656	0.2476	0	1
	> 49 horas	327.382	0.0961	0.2947	0	1	159.746	0.1381	0.3450	0	1	167.636	0.0745	0.2625	0	1
	Total	3.407.623					1.156.551					2.251.072				
Possui televisão?	Sim	8.109.555	0.9386	0.2400	0	1	1.078.528	0.9325	0.2508	0	1	2.148.709	0.9545	0.2083	0	1
	Não	530.162	0.0614	0.2400	0	1	78.023	0.0675	0.2508	0	1	102.363	0.0455	0.2083	0	1
	Total	8.639.717					1.156.551					2.251.072				
Possui internet?	Sim	5.267.766	0.6097	0.4878	0	1	671.323	0.5805	0.4935	0	1	1.725.564	0.7666	0.4230	0	1
	Não	3.371.951	0.3903	0.4878	0	1	485.228	0.4195	0.4935	0	1	525.508	0.2334	0.4230	0	1
	Total	8.639.717					1.156.551					2.251.072				
Possui computador?	Sim	1.516.966	0.1756	0.3805	0	1	222.357	0.1923	0.3941	0	1	670.981	0.2981	0.4574	0	1
	Não	7.122.751	0.8244	0.3805	0	1	934.194	0.8077	0.3941	0	1	1.580.091	0.7019	0.4574	0	1
	Total	8.639.717					1.156.551					2.251.072				
Era associado a algum sindicato?	Sim	1.319.946	0.1881	0.3908	0	1	314.478	0.2719	0.4449	0	1	335.264	0.1489	0.3560	0	1
	Não	5.697.085	0.8119	0.3908	0	1	842.073	0.7281	0.4449	0	1	1.915.808	0.8511	0.3560	0	1
	Total	7.017.031					1.156.551					2.251.072				
Possui aposentadoria ou pensão?	Sim	1.060.525	0.1228	0.3282	0	1	128.315	0.1109	0.3141	0	1	94.293	0.0419	0.2003	0	1
	Não	7.579.192	0.8773	0.3282	0	1	1.028.236	0.8891	0.3141	0	1	2.156.779	0.9581	0.2003	0	1
	Total	8.639.717					1.156.551					2.251.072				
Recebeu rendimento do Programa Bolsa Família (PBF)?	Sim	2.825.434	0.3270	0.4691	0	1	383.507	0.3316	0.4708	0	1	518.715	0.2304	0.4211	0	1
	Não	5.814.283	0.6730	0.4691	0	1	773.044	0.6684	0.4708	0	1	1.732.357	0.7696	0.4211	0	1
	Total	8.639.717					1.156.551					2.251.072				
Atividade agrícola	Sim	1.156.551	0.3394	0.4735	0	1										
	Não	2.251.072	0.6606	0.4735	0	1										
	Total	3.407.623														
Região	Norte	1.134.231	0.1313	0.3377	0	1	167.861	0.1451	0.3522	0	1	272.284	0.1210	0.3261	0	1
	Nordeste	4.180.293	0.4838	0.4997	0	1	362.636	0.3135	0.4639	0	1	943.128	0.4190	0.4934	0	1
	Sudeste	1.691.868	0.1958	0.3968	0	1	248.589	0.2149	0.4108	0	1	531.319	0.2360	0.4246	0	1
	Sul	1.194.928	0.1383	0.3452	0	1	307.848	0.2662	0.4420	0	1	381.320	0.1694	0.3751	0	1
	Centro-Oeste	438.397	0.0507	0.2195	0	1	69.617	0.0602	0.2378	0	1	123.021	0.0547	0.2273	0	1
	Total	8.639.718					1.156.551					2.251.072				

Fonte: Elaboração própria a partir dos microdados da PNAD Contínua (IBGE, 2019b).

A faixa etária é um fator importante em ambos os setores. Mulheres entre 35–44 anos (O.R = 2,072), 45–54 anos (O.R = 2,472) e 55–64 anos (O.R = 2,746) têm maiores chances de empreender no setor agrícola, conforme Camargo Neto et al. (2022). No entanto, o aumento da idade também traz desafios físicos e de saúde devido às condições do trabalho no campo. No setor não agrícola, as faixas etárias de 45–54 anos (O.R = 1,510) e 55–64 anos (O.R = 1,748) também se destacam, embora de forma menos intensa.

A escolaridade, especialmente o ensino superior, exerce uma influência positiva no setor agrícola (O.R = 1,766). Esses resultados contrastam com os achados de Camargo Neto et al. (2022), que não identificaram efeito significativo da escolaridade sobre o empreendedorismo feminino no setor agrícola, e com Pindado e Sánchez (2017), que observaram uma influência negativa no setor agrícola. Já no setor não agrícola, o ensino superior está associado a uma menor probabilidade de empreendedorismo (O.R = 0,349), sugerindo que mulheres com maior nível educacional tendem a buscar ocupações assalariadas em vez de empreender nesse setor.

O número de moradores no domicílio afeta negativamente o empreendedorismo agrícola. Domicílios com dois moradores (O.R = 0,521), três a quatro (O.R = 0,450) e mais de quatro (O.R = 0,373) têm menor probabilidade de empreender, corroborando Serpa et al. (2022), que sugerem que mais moradores aumentam as responsabilidades domésticas, reduzindo o tempo disponível para empreender.

Jornadas longas (>49 horas) favorecem o empreendedorismo feminino, especialmente no setor agrícola, em que o efeito é mais pronunciado (O.R = 1,751). No entanto, de acordo com Zanakakis et al. (2012), as mulheres podem enfrentar dificuldades para conciliar trabalho e responsabilidades familiares, considerando as demandas intensas desse setor. Jornadas moderadas, por outro lado, exercem menor influência no setor não agrícola.

No setor não agrícola, mulheres com rendas entre R\$1.500 e R\$2.500 (O.R = 0,737) e R\$2.500 e R\$5.000 (O.R = 0,732) apresentam menor probabilidade de empreendedorismo, possivelmente porque estão mais inseridas no mercado formal, com empregos mais estáveis. Regionalmente, o Sul (O.R = 1,715) e o Nordeste (O.R = 1,461) destacam-se no setor agrícola aumentando as chances de empreendedorismo, corroborando os achados de Camargo Neto et al. (2022) e a influência da localização destacada por Tamvada (2007). No setor não agrícola, a relevância regional diminui as chances de empreendedorismo nas regiões Sul (O.R = 0,619) e Sudeste (O.R = 0,719).

O uso de tecnologia é relevante para o empreendedorismo. No setor não agrícola, o uso do computador (O.R = 1,458) e da internet (O.R = 1,301) aumenta significativamente as chances de empreender, enquanto a televisão não é um fator influente. Esses resultados sugerem, conforme IAB Brasil (2014), que o tempo gasto na internet tem se tornado mais relevante do que o acesso à televisão na construção de negócios.

A filiação a sindicatos aumentou as chances de empreendedorismo no setor agrí-

cola (O.R = 1,340), provavelmente devido ao apoio e aos recursos oferecidos pelos sindicatos, como informações e crédito. No entanto, no setor não agrícola, a associação a sindicatos reduziu a probabilidade de empreender (O.R = 0,776), possivelmente por falta do mesmo apoio coletivo presente no meio rural.

Além disso, aposentadoria mostrou-se significativa apenas no setor não agrícola (O.R. = 1,875), possivelmente porque aposentados rurais já têm recursos básicos para subsistência, diminuindo a necessidade de empreender. No setor não agrícola, a aposentadoria pode servir como capital inicial para pequenos negócios. Isso sugere que as motivações para empreender variam conforme o setor, dependendo do acesso a recursos e das necessidades de geração de renda.

Por fim, a participação em programas sociais, como o Programa Bolsa Família (PBF), tem uma contribuição significativa no setor não agrícola, aumentando as chances de empreendedorismo (O.R. = 1,683). De acordo com Grisa e Schneider (2015), a existência de programas sociais, como o PBF, contribui para a permanência das populações rurais, proporcionando condições dignas de vida e de trabalho.

Tabela 2. Odds Ratio (Razão de chance) de ser empreendedor em uma amostra de mulheres adultas ocupadas, em área rural, estratificado por tipo de atividade, PNADC de 2019.

Variáveis	Total		Atividade Agrícola		Atividade Não Agrícola	
	O.R	E.P.	O.R	E.P.	O.R	E.P.
Resp. pelo domicílio	1,790***	0,105	2,516***	0,227	1,494***	0,115
Branco	1,01	0,067	0,928	0,103	1,062	0,088
25-34 anos	1,301*	0,133	1,379+	0,238	1,280*	0,158
35-44 anos	1,338**	0,137	2,072***	0,346	1,115	0,145
45-54 anos	1,740***	0,191	2,472***	0,433	1,510**	0,208
55-64 anos	1,906***	0,239	2,746***	0,57	1,748**	0,298
Fundamental completo	1,019	0,087	1,152	0,138	0,993	0,116
Médio completo	0,974	0,072	1,1	0,133	0,947	0,091
Superior	0,437***	0,054	1,766*	0,509	0,349***	0,052
Dois	0,847	0,138	0,521+	0,188	1,088	0,241
Três ou quatro	0,765	0,126	0,450*	0,162	1,012	0,228
> Quatro	0,634*	0,111	0,373**	0,141	0,851	0,196
15-39 horas	0,612***	0,049	0,94	0,118	0,509***	0,051
40-44 horas	0,387***	0,034	0,848	0,127	0,254***	0,029
45-48 horas	0,513***	0,073	0,847	0,216	0,394***	0,071
> 49 horas	1,318**	0,141	1,751***	0,283	1,179	0,173
R\$500-R\$1000	0,743*	0,087	0,867	0,142	0,696*	0,116
R\$1000-R\$1500	0,913	0,103	1,07	0,176	0,849	0,139
R\$1500-R\$2500	0,821+	0,093	1,021	0,167	0,737+	0,118
R\$2500-R\$5000	0,806+	0,098	0,995	0,176	0,732+	0,125
> R\$5000	1,204	0,172	1,369	0,297	1,16	0,228
Sudeste	0,835	0,1	0,895	0,175	0,719*	0,102
Nordeste	1,134	0,124	1,461*	0,26	0,931	0,119
Sul	1,033	0,138	1,715*	0,363	0,619**	0,098
Centro-Oeste	1,106	0,152	0,957	0,221	1,074	0,176
Televisão	0,98	0,131	0,914	0,168	1,127	0,208
Computador	1,282**	0,098	1,04	0,12	1,458***	0,15
Internet	1,114	0,073	0,916	0,089	1,301**	0,117
Sindicato	1,013	0,071	1,340**	0,136	0,776*	0,077
Aposentadoria	1,602***	0,173	1,168	0,178	1,875***	0,311
PBF	1,440***	0,107	1,122	0,136	1,683***	0,162
Atividade agrícola	1,780***	0,123				
Obs.	12.588		4.713		7.875	
Tamanho populacional	3.065.887		1.074.678		1.991.209	
Teste Hosmer-Lemeshow (Prob >F)	0.343		0.77		0.553	

Fonte: Elaboração própria a partir dos microdados da PNAD Contínua (IBGE, 2019b). O.R (Odds Ratio). + p-valor < 0,10; * p-valor < 0,05; ** p-valor < 0,01; *** p-valor < 0,001.

A Tabela 3 apresenta as razões de chances para o empreendedorismo feminino em áreas rurais do Brasil, destacando fatores determinantes para cada região. Ser responsável pelo domicílio aumenta as chances de empreendedorismo em todas as regiões, com destaque para o Norte (O.R = 2,144), Sul (O.R = 2,103), Nordeste (O.R = 1,816) e Centro-Oeste (O.R = 1,710). Esse padrão indica que, em áreas rurais, a autonomia financeira das mulheres pode estar ligada à necessidade de gerar renda, já que a estrutura familiar costuma depender mais de atividades informais e empreendedoras. Os resultados confirmam os achados de Camargo Neto et al. (2017), que também identificaram essa influência em todas as regiões.

A variável idade se destacou como fator relevante. Mulheres entre 55 e 64 anos apresentaram as maiores chances de empreender, como observado no Norte (O.R = 2,748), Sudeste (O.R = 2,559), Sul (O.R = 2,658) e Centro-Oeste (O.R = 2,854). Esse padrão pode estar ligado ao acúmulo de experiência e capital social ao longo da vida, além de possíveis dificuldades de acesso ao mercado formal para essa faixa etária. Os resultados estão em conformidade com Camargo Neto et al. (2017) e Barradas (2016), que identificaram o avanço da idade como fator que aumenta a probabilidade de empreendedorismo.

O ensino superior mostrou-se associado à redução das chances de empreendedorismo, especialmente no Norte e Nordeste, com (O.R = 0,172 e 0,290), respectivamente. Isso sugere que mulheres com maior escolaridade tendem a optar por ocupações formais fora do empreendedorismo. Esses resultados corroboram os achados de Camargo Neto et al. (2017) e Barradas (2016), que também identificaram uma menor propensão ao empreendedorismo entre mulheres mais instruídas em áreas rurais.

Outro fator estrutural relevante é o tamanho da família. Viver em domicílios com três ou quatro pessoas reduz a probabilidade de empreendedorismo no Norte (O.R = 0,359) e Nordeste (O.R = 0,682). O efeito é mais intenso em lares com mais de quatro pessoas no Norte (O.R = 0,267) e Sudeste (O.R = 0,476), sugerindo que maior dependência familiar pode limitar tempo e recursos para investir em negócios. O achado reforça a importância das redes de apoio e da divisão de responsabilidades domésticas para viabilizar o empreendedorismo feminino.

A carga horária de trabalho apresentou dois padrões distintos. No Norte (O.R = 0,560), Nordeste (O.R = 0,519) e Sul (O.R = 0,644), mulheres que trabalham entre 15 e 39 horas semanais têm menor probabilidade de empreender, indicando que jornadas reduzidas se associam menos ao empreendedorismo nessas regiões. Por outro lado, no Sul (O.R = 1,530) e Sudeste (O.R = 1,546), aquelas que trabalham mais de 49 horas semanais têm maior probabilidade de serem empreendedoras, sugerindo que, nesses contextos, o empreendedorismo demanda maior dedicação de tempo.

A renda também apresentou efeitos regionais distintos. Enquanto rendas intermediárias no Nordeste (R\$1.500 a R\$2.500) (O.R = 0,752) estão relacionadas a uma menor probabilidade de empreender, rendas superiores a R\$5.000 no Norte (O.R = 2,139) estão associadas a um aumento na propensão ao empreendedorismo. Esses resultados estão alinhados com os achados de Camargo Neto et al. (2017), que destacaram a influência positiva de rendas mais altas no empreendedorismo em regiões como Sul, Nordeste e Sudeste.

O acesso à internet no Norte (O.R = 1,673) e no Sudeste (O.R = 1,280) aumenta a probabilidade de empreendedorismo feminino, possivelmente por ampliar o acesso a mercados, informações, redes de contato e canais de venda *online*, fatores importantes para a gestão e crescimento de pequenos negócios, especialmente em áreas rurais.

Em contraste, a posse de televisão apresentou efeitos distintos: reduziu essa pro-

babilidade no Norte (O.R = 0,675), mas a aumentou de forma expressiva no Sul (O.R = 1,968). Esses resultados sugerem variações regionais no papel da TV, que pode atuar como fonte de informação e influência em alguns contextos, mas ter efeito oposto em outros, possivelmente devido a diferenças no conteúdo assistido ou na forma como o tempo é utilizado entre as regiões.

No Centro-Oeste, o uso do computador esteve associado ao aumento das chances de empreender (O.R = 1,738). Esse resultado está alinhado aos dados do IBGE (2018), que indicam que, em 2017, 70,7% das mulheres já acessavam a internet, o que ampliou o acesso a informações, redes e ferramentas essenciais para o desenvolvimento de estratégias empreendedoras.

A condição de aposentada aumentou significativamente as chances de empreendedorismo no Nordeste (O.R = 2,163) e Centro-Oeste (O.R = 2,352), indicando que a estabilidade financeira da aposentadoria permite às mulheres investirem em atividades empreendedoras, seja para complementar a renda ou manterem-se ativas. Esses resultados concordam com os achados de Camargo Neto et al. (2017). O Programa Bolsa Família também apresentou efeitos relevantes no Nordeste (O.R = 1,572) e Sudeste (O.R = 1,665), funcionando como um suporte financeiro que facilita a diversificação das atividades econômicas. Sua ampla presença em áreas rurais reforça a importância do programa para essas populações, como apontado por Layton (2010).

Por fim, a participação em atividades agrícolas foi um dos fatores mais relevantes para o empreendedorismo no Nordeste (O.R = 1,678), Sudeste (O.R = 1,624) e, especialmente, no Sul (O.R = 3,279). Esses resultados evidenciam o papel central da agricultura como motor do empreendedorismo feminino em áreas rurais, em linha com os achados de Camargo Neto et al. (2017), que destacaram a atividade agrícola como importante fonte de sustento para mulheres empreendedoras no campo.

A Tabela 4 apresenta os resultados por quantis de renda domiciliar *per capita*, permitindo analisar como a distribuição da renda influencia a probabilidade de mulheres empreenderem em áreas rurais. Os resultados indicam que ser responsável pelo domicílio aumenta significativamente a probabilidade de empreender nos quantis mais baixos (Q25: O.R = 1,901; Q50: O.R = 1,677), efeito que se intensifica nos níveis superiores de renda (Q75: O.R = 1,731; Q90: O.R = 2,360). Isso sugere que a chefia familiar é determinante para o empreendedorismo rural em todos os níveis, especialmente entre mulheres de menor renda, corroborando os achados de Camargo Neto et al. (2022).

Tabela 3. Odds Ratio (Razão de chance) de ser empreendedor em uma amostra de mulheres adultas ocupadas, em área rural, estratificado por região do país, PNADC de 2019

Variáveis	Norte		Nordeste		Sudeste		Sul		Centro-Oeste	
	O.R	E.P.	O.R	E.P.	O.R	E.P.	O.R	E.P.	O.R	E.P.
Resp. pelo domicílio	2,144***	0,369	1,816***	0,168	1,519**	0,21	2,103***	0,26	1,710**	0,35
Branco	0,858	0,172	0,853	0,1	1,065	0,12	1,118	0,2	1,206	0,3
25-34 anos	1,922*	0,587	1,042	0,154	1,851*	0,49	1,335	0,32	1,222	0,53
35-44 anos	1,321	0,353	1,145	0,179	1,708*	0,41	1,789*	0,46	1,247	0,46
45-54 anos	1,616	0,483	1,515*	0,291	2,377***	0,57	1,960**	0,48	3,013**	1,17
55-64 anos	2,748**	0,953	1,343	0,266	2,559**	0,77	2,658***	0,77	2,854*	1,23
Fundamental completo	1,196	0,281	1,001	0,149	0,938	0,2	1,013	0,17	1,651+	0,49
Médio completo	0,764	0,18	0,889	0,103	1,308+	0,21	1,006	0,19	1,102	0,3
Superior	0,172***	0,065	0,290***	0,065	0,755	0,18	0,631	0,18	0,716	0,3
Dois	0,514	0,275	0,705	0,167	0,736	0,28	1,863	0,79	0,932	0,55
Três ou quatro	0,359+	0,215	0,682+	0,158	0,693	0,27	1,818	0,77	0,856	0,51
> Quatro	0,267*	0,161	0,688	0,167	0,476+	0,2	1,296	0,61	1,2	0,76
15-39 horas	0,560*	0,128	0,519***	0,06	0,93	0,17	0,644*	0,14	0,897	0,25
40-44 horas	0,396***	0,11	0,277***	0,039	0,583**	0,11	0,533**	0,12	0,377***	0,11
45-48 horas	0,345*	0,172	0,531**	0,125	0,613+	0,17	0,525*	0,15	0,762	0,36
> 49 horas	0,636	0,245	1,355	0,275	1,546+	0,36	1,530+	0,38	1,167	0,4
R\$500-R\$1000	0,748	0,202	0,797	0,119	0,702	0,27	0,46	0,22	0,682	0,53
R\$1000-R\$1500	1,316	0,367	0,945	0,134	0,849	0,31	0,669	0,32	0,431	0,33
R\$1500-R\$2500	0,858	0,26	0,752+	0,11	1,155	0,42	0,697	0,33	0,506	0,38
R\$2500-R\$5000	0,912	0,313	0,8	0,143	1,02	0,38	0,583	0,27	0,359	0,26
> R\$5000	2,139+	0,93	1,066	0,318	1,508	0,58	0,754	0,35	0,493	0,38
Televisão	0,675+	0,159	1,032	0,217	1,079	0,4	1,968+	0,75	1,092	0,6
Computador	1,065	0,264	1,272	0,186	1,213	0,18	1,178	0,18	1,738*	0,47
Internet	1,673**	0,31	1,008	0,101	1,280+	0,19	1,037	0,16	0,885	0,26
Sindicato	0,88	0,193	0,944	0,1	0,99	0,16	1,117	0,16	1,762	0,62
Aposentadoria	0,8	0,271	2,163***	0,429	1,447	0,34	1,257	0,27	2,352*	0,84
PBF	1,256	0,229	1,572***	0,159	1,665**	0,32	0,791	0,2	1,397	0,49
Atividade agrícola	1,216	0,239	1,678***	0,197	1,624***	0,23	3,279***	0,54	1,088	0,25
Obs.	1,708		4,570		2,749		2,713		848	
Tamanho populacional	398,076		1.169,376		701,892		625,465		171,078	
Teste Hosmer-Lemeshow (Prob >F)	0,783		0,188		0,267		0,660		0,024	

Fonte: Elaboração própria a partir dos microdados da PNAD Contínua (IBGE, 2019b). O.R (Odds Ratio). + p-valor < 0,10; * p-valor < 0,05; ** p-valor < 0,01; *** p-valor < 0,001.

Além disso, os resultados evidenciam a presença de desigualdades raciais, especialmente em níveis de renda mais elevados. Enquanto a variável "Branco" não apresenta efeito significativo nos quantis inferiores, há uma influência positiva no Q75 (O.R = 1,303), indicando que, à medida que a renda aumenta, o fator racial pode afetar a probabilidade de empreender. Esse padrão sugere que barreiras estruturais podem limitar as oportunidades para determinados grupos raciais, especialmente em níveis mais altos de renda, o que reforça os achados de Camargo Neto et al. (2022).

A relação entre idade e empreendedorismo é evidente nos resultados. Mulheres entre 45 e 54 anos (O.R. = 2,668) e entre 55 e 64 anos (O.R. = 2,036) têm maior probabilidade de empreender, especialmente no Q75. Isso sugere que a experiência acumulada e a maior estabilidade financeira favorecem a iniciativa empreendedora, além de possibilitarem mais tempo e recursos para investir em novos projetos. Esses achados estão em consonância com os estudos de Parker (2009) e Camargo Neto et al. (2022), que também identificaram a idade como um fator positivo para o empreendedorismo.

No entanto, um comportamento oposto é observado para a educação, cujo efeito

diminui com o aumento da renda. No Q50, a razão de chances para mulheres com ensino superior é de $O.R = 0,607$, caindo no Q75 para $O.R = 0,307$. Esse resultado diverge de Camargo Neto et al. (2022), que apontam aumento da influência da educação conforme a renda cresce. Para mulheres em faixas de renda mais altas, fatores como acesso a crédito ou redes de contato podem ser mais relevantes do que a escolaridade para a decisão de empreender.

A carga horária de trabalho apresenta efeitos distintos conforme a faixa de renda. Jornadas superiores a 49 horas semanais aumentam a probabilidade de empreender no Q25 ($O.R = 1,763$) e Q75 ($O.R = 1,614$), indicando maior dedicação ao trabalho empreendedor. Em contrapartida, cargas intermediárias, entre 15 e 44 horas, reduzem essa probabilidade, especialmente no Q25 ($O.R = 0,551$ e $0,410$) e no Q50 ($O.R = 0,581$ e $0,287$). Esses resultados sugerem que, nas faixas de renda mais baixas, o empreendedorismo tende a refletir necessidade econômica, enquanto nas mais altas pode representar uma estratégia de geração de renda.

O acesso às tecnologias digitais é um fator importante na decisão empreendedora, com influência conforme a renda. O uso de computadores aumenta as chances de empreendedorismo, especialmente para mulheres com renda mais alta, como no Q50 ($O.R = 1,392$) e Q75 ($O.R = 1,279$). A internet também atua como um diferencial, com influência significativa no Q50 ($O.R = 1,288$) e mais expressiva no Q90 ($O.R = 2,457$). Esses resultados indicam que a tecnologia impulsiona o empreendedorismo em faixas de renda média e alta, embora ainda enfrente barreiras significativas nas áreas rurais (IBGE, 2018).

A participação em sindicatos aumenta a probabilidade de empreender no Q50 ($O.R = 1,271$), sugerindo que redes de apoio contribuem para o acesso a recursos e oportunidades. Já o recebimento de aposentadoria eleva significativamente as chances de empreendedorismo no Q25 ($O.R = 2,512$) e no Q75 ($O.R = 2,546$), indicando que a estabilidade financeira pode estimular iniciativas empreendedoras por oportunidade, em linha com as discussões de Shikida et al. (2022).

O Programa Bolsa Família está associado ao aumento da probabilidade de empreendedorismo feminino nos quantis inferiores e intermediários da distribuição de renda (Q25: $O.R = 1,255$; Q50: $O.R = 1,645$; Q75: $O.R = 1,997$). Esse resultado reforça a ideia de que políticas de transferência de renda atuam como um suporte importante, ajudando a reduzir barreiras financeiras e oferecendo maior segurança para que mulheres, especialmente as de renda mais baixa, possam investir em atividades produtivas e iniciar seus próprios empreendimentos.

Por fim, a participação na atividade agrícola tem influência positiva significativa, com variação ao longo da distribuição de renda. O efeito é relevante nos quantis inferiores (Q25: $O.R = 1,538$) e se intensifica nos superiores (Q50: $O.R = 2,006$; Q75: $O.R = 1,843$; Q90: $O.R = 2,181$). Isso sugere que a agricultura pode representar uma alternativa viável tanto para mulheres de baixa renda quanto para aquelas com maior

capacidade de investimento, que buscam maximizar sua renda agrícola, o que está alinhado com a literatura (Sofer e Saada, 2017).

Tabela 4. Odds ratio (Razão de chance) de ser empreendedor em uma amostra de mulheres adultas ocupadas, em área rural, estratificado por quantil da renda domiciliar *per capita*, PNADC de 2019

Variáveis	Q25		Q50		Q75		Q90	
	O.R.	E.P.	O.R.	E.P.	O.R.	E.P.	O.R.	E.P.
Resp. pelo domicílio	1,901***	0,183	1,677***	0,195	1,731***	0,212	2,360**	0,77
Branco	0,877	0,095	0,9	0,11	1,303*	0,167	1,154	0,35
25-34 anos	1,186	0,189	1,263	0,238	1,693*	0,411	1,07	0,64
35-44 anos	1,375*	0,217	0,975	0,194	1,999**	0,456	1,066	0,6
45-54 anos	1,564*	0,292	1,608*	0,314	2,668***	0,624	1,083	0,62
55-64 anos	2,023**	0,441	2,367***	0,551	2,036**	0,549	1,547	1,03
Fundamental completo	1,016	0,141	1,159	0,181	0,867	0,166	1,662	0,76
Médio completo	0,911	0,117	0,989	0,131	1,045	0,158	1,517	0,55
Superior	0,795	0,224	0,607*	0,152	0,307***	0,072	0,571	0,22
Dois	0,863	0,166	0,784	0,269	0,715	0,398	1,117	0,47
Três ou quatro	0,786	0,155	0,765	0,263	0,697	0,384	1,563	0,48
> Quatro	0,793	0,171	0,593	0,212	0,565	0,318	1	-
15-39 horas	0,551***	0,06	0,581***	0,084	0,801	0,162	0,385*	0,17
40-44 horas	0,410***	0,059	0,287***	0,045	0,345***	0,07	0,591	0,28
45-48 horas	0,568*	0,145	0,517**	0,123	0,499*	0,142	0,213*	0,14
> 49 horas	1,763**	0,334	0,8	0,169	1,614*	0,343	1,303	0,61
TV	0,88	0,158	1,156	0,261	0,994	0,312	1,741	2,75
Computador	1,173	0,206	1,392*	0,193	1,279+	0,171	0,767	0,22
Sudeste	0,646*	0,125	0,928	0,178	1,151	0,313	0,601	0,25
Nordeste	1,243	0,202	1,027	0,176	1,367	0,372	0,453	0,28
Sul	1,075	0,261	1,253	0,275	1,225	0,329	0,527	0,23
Centro-Oeste	1,089	0,355	1,277	0,281	1,174	0,369	0,999	0,44
Internet	0,977	0,097	1,288*	0,15	1,175	0,171	2,457+	1,25
Sindicato	1,011	0,116	1,271+	0,165	1,112	0,152	0,857	0,24
Aposentadoria	2,512***	0,676	0,955	0,183	2,546***	0,459	0,983	0,47
PBF	1,255*	0,125	1,645***	0,229	1,997***	0,404	1,041	1,35
Atividade Agrícola	1,583***	0,17	2,006***	0,25	1,843***	0,239	2,181*	0,75
Obs.	3,997		3,562		3,131		523	
Tamanho populacional	1.008.149		872.656		749.413		117.285	
Teste Hosmer-Lemeshow (Prob >F)	0,964		0,544		0,391		0,107	

Fonte: Elaboração própria a partir dos microdados da PNAD Contínua (IBGE, 2019b). O.R. (Odds ratio).
 + p-valor < 0,10; * p-valor < 0,05; ** p-valor < 0,01; *** p-valor < 0,001.

De modo geral, os resultados indicam que ser responsável pelo domicílio é um dos principais determinantes do empreendedorismo feminino rural em todas as segmentações. A idade influencia positivamente, sobretudo entre 45 e 64 anos, enquanto o nível educacional superior tem efeito positivo no setor agrícola e negativo no não agrícola, além de reduzir o empreendedorismo no Norte e Nordeste. O número de moradores diminui a propensão a empreender, especialmente em lares maiores. Jornadas longas aumentam o empreendedorismo nas extremidades da renda e nas regiões Sul e Sudeste. O uso de tecnologias digitais (computador e internet) afeta positivamente o setor não agrícola e rendas médias e altas. Por fim, aposentadoria e programas sociais como o Bolsa Família são relevantes em contextos específicos, destacando a importância do suporte financeiro para iniciativas produtivas rurais.

5. Considerações Finais

Este estudo analisou os aspectos determinantes que influenciam o empreendedorismo feminino rural no Brasil, enfatizando a interação entre fatores sociodemográficos, econômicos e regionais. Os resultados indicam que o empreendedorismo feminino rural é influenciado por fatores como setor de atuação, idade, grau de instrução, situação socioeconômica e características regionais. A responsabilidade sobre o lar é um dos principais motivadores, tanto entre mulheres de baixa renda, que buscam alternativas de sustento, quanto entre mulheres de renda mais alta, que veem no empreendedorismo uma forma de gerir melhor seus recursos.

A idade é um fator fundamental, com mulheres entre 45 e 64 anos mostrando maior tendência a empreender, devido à experiência e à estabilidade financeira, como a aposentadoria especialmente no setor não agrícola. Em algumas regiões, como Nordeste e Centro-Oeste, a aposentadoria tem influência significativa no empreendedorismo. No entanto, a idade avançada pode trazer desafios relacionados à saúde e à adaptação ao mercado.

O nível educacional também desempenha um papel distinto conforme o setor. No setor agrícola, a educação superior está associada positivamente ao empreendedorismo, sugerindo que mulheres com maior nível educacional podem aplicar seus conhecimentos para inovar e melhorar a produtividade. Entretanto, no setor não agrícola, a educação superior parece reduzir a probabilidade de empreender, possivelmente devido à tendência de as mulheres mais instruídas buscarem empregos formais.

O tamanho da residência e a carga horária de trabalho também se destacam como fatores importantes. O aumento no número de membros no lar tende a diminuir as chances de empreender, possivelmente devido ao aumento das responsabilidades domésticas. Por outro lado, jornadas de trabalho mais longas parecem favorecer o empreendedorismo, sugerindo que mulheres dispostas a investir mais tempo nas atividades empreendedoras, especialmente nas áreas agrícolas, têm maiores chances de alcançar bons resultados, já que esse setor exige mais dedicação e esforço contínuo.

O acesso a computadores e internet aumenta as chances de mulheres iniciarem negócios, sobretudo nas faixas de renda média e alta. Porém, ainda existem desafios de inclusão digital nas zonas rurais, exigindo investimentos em infraestrutura e capacitação. As análises mostram que fatores regionais influenciam as motivações e barreiras ao empreendedorismo, com diferenças significativas entre as regiões Norte, Nordeste, Sul e Sudeste.

A participação em sindicatos também exerce um papel importante, especialmente no setor agrícola, em que o apoio e os recursos fornecidos pelas redes sindicais, como acesso a crédito e informações, aumentam as chances de empreender. Isso mostra a relevância das redes de apoio no fortalecimento do empreendedorismo feminino rural.

Programas de transferência de renda, como o Bolsa Família, incentivam o empreendedorismo feminino em faixas de renda mais baixas, ao permitir que mulheres invistam em novas iniciativas, muitas vezes por necessidade. A participação na agricultura segue sendo central no empreendedorismo feminino rural, especialmente nas regiões Sul, Nordeste e Sudeste, destacando-se como um setor importante para a subsistência no campo.

Embora o estudo tenha abordado diversos fatores do empreendedorismo feminino rural, ainda há áreas pouco exploradas que merecem atenção, como estado civil, número de filhos e acesso a redes de apoio, que podem influenciar as decisões empreendedoras. Além disso, a evolução do empreendedorismo feminino rural e sua adaptação às mudanças econômicas, tecnológicas e sociais também precisam ser investigadas. Com base nos resultados, é possível sugerir direções para políticas públicas que fortaleçam o empreendedorismo feminino rural. Essas políticas devem ser adaptadas às necessidades regionais e setoriais, combinando apoio à independência financeira, capacitação, acesso à tecnologia, suporte social e inclusão digital. É fundamental que essas políticas reconheçam a diversidade do empreendedorismo feminino rural, criando um ambiente inclusivo que promova igualdade de oportunidades para todas as mulheres, independentemente de sua renda, etnia ou faixa etária.

Referências

- Alabi, D. L. e Famakinwa, M. (2019). Bridging male-female gaps in rural entrepreneurship capability development in Osun State, Nigeria. *Journal of Agricultural Extension*, 23(1):79–90.
- Alam, F., Ullah, A., Khan, N. A., Saeem Khan, M., Yasir Arafat, M., e Saleem, I. (2024). Drivers of female entrepreneurship in Asian economies: A panel data analysis. *Cogent Business & Management*, 11(1):2353223.
- Archer, K. J. e Lemeshow, S. (2006). Goodness-of-fit test for a logistic regression model fitted using survey sample data. *The Stata Journal*, 6(1):97–105.
- Balraj, K. P. e Velmurugan, R. (2017). Problems of rural entrepreneurship in the central districts of Tamilnadu. *Journal of Advanced Research in Dynamical and Control Systems*, Página 39–44.
- Barradas, I. G. (2016). Empreendedorismo feminino: Quem são e onde estão as mulheres empreendedoras em Portugal. Dissertação de mestrado em economia, Faculdade de Economia do Porto, Portugal.
- Barros, G. S. C., Castro, N. R., Gilio, L., Souza Junior, M. L., Morais, A. C. P., e Almeida, A. N. (2018). Mulheres no agronegócio. *Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada (CEPEA)*, 1(1). Disponível em: [https://www.cepea.org.br/upload/kceditor/files/Mulheres%20no%20agro_FINAL\(3\).pdf](https://www.cepea.org.br/upload/kceditor/files/Mulheres%20no%20agro_FINAL(3).pdf). Acesso em: 22 jan. 2024.

- Bui, H. T. M., Kuan, A., e Chu, T. T. (2018). Female entrepreneurship in patriarchal society: Motivation and challenges. *Journal of Small Business & Entrepreneurship*, 30(4):1–19.
- Butto, A., Dantas, I., e Hora, K. (2012). *As mulheres nas estatísticas agropecuárias: experiências em países do sul*. Ministério do Desenvolvimento Agrário, Brasília, DF.
- Camargo Neto, R. P., Barbosa, M. N., Orellana, V. S., e Menezes, G. R. (2017). Condicionantes do empreendedorismo no Brasil: Uma análise regional. *Revista Brasileira de Estudos Regionais e Urbanos*, 11(4):447–466.
- Camargo Neto, R. P., Tillmann, E. A., e Menezes, G. R. (2022). Empreendedorismo agrícola no Brasil: Uma análise empírica. In: *XXV Encontro de Economia da Região Sul*, Porto Alegre.
- Cameron, A. C. e Trivedi, P. K. (2005). *Microeconometrics: Methods and applications*. Cambridge University Press.
- Card, D., Lemieux, T., e Riddell, W. C. (2020). Unions and wage inequality: The roles of gender, skill and public sector employment. *Canadian Journal of Economics*, 53(1):140–173.
- Cielo, I. D., Wenningkamp, K. R., e Schmidt, C. M. (2014). A participação feminina no agronegócio: O caso da Coopavel–Cooperativa Agroindustrial de Cascavel. *Revista Capital Científico-Eletrônica (RCCe)*, 12(1):59–77.
- Corrêa, V. S. e Vale, G. M. V. (2014). Redes sociais, perfil empreendedor e trajetórias. *Revista de Administração*, 49(1):77–88.
- Dias, C. S. L., Rodrigues, R. G., e Ferreira, J. J. (2019a). Agricultural entrepreneurship: Going back to the basics. *Journal of Rural Studies*, 70:125–138.
- Dias, C. S. L., Rodrigues, R. G., e Ferreira, J. J. (2019b). What's new in the research on agricultural entrepreneurship? *Journal of Rural Studies*, 65:99–115.
- Felisbino, A. C. e Yamaguchi, C. K. (2016). Empreendedorismo feminino nas pequenas propriedades. In: *Congresso Sul Catarinense de Administração e Comércio Exterior*.
- Ferraz, B. L. (2019). O perfil das mulheres empreendedoras na zona rural do Brasil. Monografia de graduação em ciências econômicas, Universidade Federal do Rio Grande (FURG).
- Frandsen, B. R. (2012). Why unions still matter: The effects of unionization on the distribution of employee earnings. *Manuscript*. Cambridge, MA: MIT.
- GEM (2017). Global Entrepreneurship Monitor: Empreendedorismo no Brasil – Relatório Executivo. GEM, Curitiba: IBQP. Disponível em: https://sebrae.com.br/Sebrae/Portal%20Sebrae/Anexos/Relat%c3%b3rio%20Executivo%20BRASIL_web.pdf. Acesso em: 22 jan. 2024.

- GEM (2019). Global Entrepreneurship Monitor: Empreendedorismo no Brasil – Relatório Executivo. GEM, Curitiba: IBQP. Disponível em: <https://ibqp.org.br/PDF%20GEM/Relat%C3%B3rio%20Executivo%20Empreendedorismo%20no%20Brasil%202019.pdf>. Acesso em: 22 jan. 2024.
- Greene, W. H. (2020). *Econometric analysis*. Pearson, 8 edition.
- Grisa, C. e Schneider, S., editores (2015). *Políticas públicas de desenvolvimento rural no Brasil*. Editora da UFRGS, Porto Alegre, RS.
- Gulvira, A., Ainash, M., Sagynysh, M., Meiramgul, A., e Aliya, K. (2024). The impact of female entrepreneurship on economic growth in developing and developed economies. *Economics - Innovative and Economics Research Journal*, 12(2):145–162.
- IAB Brasil (2014). Conectado – hábitos de consumo de mídia. Disponível em: <https://iabbrasil.com.br/wp-content/uploads/2017/08/BRASIL-CONECTADO-H%C3%81BITOS-DE-CONSUMO-DE-M%C3%8DDIA-2014.pdf>. Acesso em: 15 jun. 2024.
- IBGE (2011). Sinopse do censo demográfico: 2010. Rio de Janeiro. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv49230.pdf>. Acesso em: 15 jun. 2024.
- IBGE (2018). Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua PNADC: Acesso à internet e à televisão e posse de telefone móvel celular para uso pessoal: 2017. Rio de Janeiro. Folheto informativo. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101631_informativo.pdf. Acesso em: 15 jun. 2024.
- IBGE (2019a). Censo agropecuário 2017: Resultados definitivos. Rio de Janeiro. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=73096>. Acesso em: 15 jun. 2024.
- IBGE (2019b). Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua: 2019. Rio de Janeiro.
- Jaumotte, F. (2003). Female labour force participation: Past trends and main determinants in OECD countries.
- Kahan, D. (2012). *Entrepreneurship in farming*, volume 5 of *Farm Management Extension Guide*. FAO: Food and Agriculture Organization of the United Nations, Rome.
- Layton, L. (2010). Quem se beneficia do bolsa família. *Perspectivas a partir do Barômetro das Américas*, (47).
- Lima, F. F. e Duarte, G. B. (2021). Cash transfer and female labor supply: Evidence from Brazil's rural area. *Revista de Economia e Sociologia Rural*, 59(4):217–424.
- Lisboa, T. K. e Lusa, M. G. (2010). Desenvolvimento sustentável com perspectiva de gênero – Brasil, México e Cuba: Mulheres protagonistas no meio rural. *Revista Estudos Feministas*, 16(3):871–887.

- Menezes, G. R., Orellana, V. S. Q., e Feijó, F. T. (2015). Determinantes do empreendedorismo no Brasil. In: *XIII Encontro Nacional da Associação Brasileira de Estudos Regionais e Urbanos*.
- Merhy, S., Nunes, A., e Nascimento, T. (2017). Gênero e empreendedorismo: Fatores de influência em economias com diferentes níveis de rendimento. In: *24th APDR Congress*, Página 643–650, Covilhã, Portugal.
- Müller, S. e Korsgaard, S. (2017). Resources and bridging: The role of spatial context in rural entrepreneurship. *Entrepreneurship & Regional Development*, 30(1–2):224–255.
- Oliveira, V. R. O. e Jacinto, P. A. (2017). Decompondo o retorno do empreendedorismo feminino brasileiro. In: *XX Encontro de Economia da Região Sul*.
- Parker, S. C. (2009). *The economics of entrepreneurship*. Cambridge University Press.
- Pindado, E. e Sánchez, M. (2017). Researching the entrepreneurial behaviour of new and existing ventures in European agriculture. *Small Business Economics*, 49(2):421–444.
- Rosa, S. S., Menezes, G. R., e Orellana, V. S. Q. (2022). Diferença de renda entre mulheres empreendedoras e assalariadas. *Economia Aplicada*, 26(3):375–402.
- Rosa, S. S., Orellana, V. S. Q., e Menezes, G. R. (2020). Determinantes do empreendedorismo feminino no Brasil e regiões. *Revista Brasileira de Estudos Regionais e Urbanos*, 14(4):690–713.
- Sanders, J. e Galloway, L. (2013). Rural small firms' website quality in transition and market economies. *Journal of Small Business and Enterprise Development*, 20(4):788–806.
- Santos, I. S., Alves, C. E. S., e Dewes, H. (2021). Produção científica no empreendedorismo rural relacionado ao turismo. *Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo*, 15(3):1–18.
- Schmidt, S. e Bohnenberger, M. C. (2009). Perfil empreendedor e desempenho organizacional. *Revista de Administração Contemporânea*, 13(3):450–467.
- SEBRAE (2019). Empreendedorismo feminino no Brasil. Disponível em: https://sebrae.com.br/Sebrae/Portal%20Sebrae/UFs/G0/Sebrae%20de%20A%20a%20Z/Empreendedorismo%20Feminino%20no%20Brasil%202019_v5.pdf. Acesso em: 02 abr. 2024.
- Segantini, M. e Dickes, L. A. (2021). An examination of rural and female-led firms: A resource approach. *Journal of Small Business Strategy*, 31(4):20–39.
- Serpa, M., Celeste, R. K., e Fochezatto, A. (2022). Determinantes do empreendedorismo feminino no Brasil. In: *XXV Encontro de Economia da Região Sul*, Porto Alegre.

- Shikida, C. D., Carraro, A., Da Rosa Paula, S., Borges, D. L., e Menezes, G. R. (2022). Empreendedorismo na aposentadoria: Uma análise empírica para o Brasil. *Revista Brasileira de Economia de Empresas*, 22(1):21–35.
- Sofer, M. e Saada, M. A. T. (2017). Entrepreneurship of women in the rural space in Israel: Catalysts and obstacles to enterprise development. *Sociologia Ruralis*, 57(S1):769–790.
- Tamvada, J. P. (2007). *Essays on entrepreneurship and economic development*. Doctoral thesis, Faculty of Economics at University of Göttingen, Germany.
- Terjesen, S. e Amorós, J. E. (2010). Female entrepreneurship in Latin America and the Caribbean: Characteristics, drivers and relationship to Economic Development. *European Journal of Development Research*, 22(3):313–330.
- Texis Flores, M., Saavedra Leyva, R. E., e Campos Bravo, I. B. (2023). Emprendimiento femenino como decisión laboral en México: El caso de la frontera norte. *Región y Sociedad*, 35:e1791.
- Tomei, P. A. e Lima, D. A. A. (2014). Análise das barreiras que dificultam a transformação do agricultor familiar em empreendedor rural no contexto brasileiro. *Revista Ibero Americana de Estratégia*, 13(3):107–122.
- Tovar Cuevas, L. M., Paredes, M. T. V., Balanta Cobo, S., Coral Vallejo, A. A., e Zuñiga Martínez, C. L. (2021). Factors affecting the likelihood of Colombian female returnees becoming entrepreneurs. *Contaduría y administración*, 66(4):e2221.
- Veiga, J. E. d. (2001). O Brasil rural ainda não encontrou seu eixo de desenvolvimento. *Estudos Avançados*, 15(43):101–119.
- Zanakis, S. H., Renko, M., e Bullough, A. (2012). Nascent entrepreneurs and the transition to entrepreneurship: Why do people start new businesses? *Journal of Developmental Entrepreneurship*, 17(1):1250001.

Apêndice:

Quadro A.1. Variáveis utilizadas

Variável	Categorias	Autores
Empreendedorismo ¹	0: Não; 1: Sim	Terjesen e Amorós (2010); Dias et al. (2019a); Kahan (2012)
Responsável pelo domicílio	0: Não (Referência); 1: Sim	Rosa et al. (2020)
Número de moradores no domicílio	Um (Referência) Dois Três ou quatro > Quatro	Serpa et al. (2022)
Faixa etária	18–24 anos (Referência) 25–34 anos 35–44 anos 45–54 anos 55–64 anos	Rosa et al. (2020); Serpa et al. (2022)
Cor ou raça ²	0: Não-branca (Referência); 1: Branca	Rosa et al. (2020); Rosa et al. (2022)
Possui televisão?	0: Não (Referência); 1: Sim	Ferraz (2019)
Possui internet?	0: Não (Referência); 1: Sim	Serpa et al. (2022)
Possui computador?	0: Não (Referência); 1: Sim	Serpa et al. (2022)
Era associado a algum sindicato?	0: Não (Referência); 1: Sim	Jaumotte (2003); Frandsen (2012); Card et al. (2020)
Possuía aposentadoria ou pensão?	0: Não (Referência); 1: Sim	Camargo Neto et al. (2017); Shikida et al. (2022)
Recebeu rendimento do Programa Bolsa Família (PBF)?	0: Não (Referência); 1: Sim	Grisa e Schneider (2015); Lima e Duarte (2021)
Atividade agrícola	0: Não (Referência); 1: Sim	Camargo Neto et al. (2022); Veiga (2001)
Número de horas trabalhadas por semana	<15 horas (Referência) 15–39 horas 40–44 horas 45–48 horas >49 horas	Rosa et al. (2020)
Renda domiciliar <i>per capita</i> R\$	<R\$500 (Referência) R\$500–R\$1000 R\$1000–R\$1500 R\$1500–R\$2500 R\$2500–R\$5000 >R\$5000	Rosa et al. (2020); Camargo Neto et al. (2022)
Nível de instrução mais elevado	Fundamental incompleto (Referência) Fundamental completo Médio completo Superior	Serpa et al. (2022); Rosa et al. (2020); Camargo Neto et al. (2022)
Região	Norte (Referência) Nordeste Sudeste Sul Centro-Oeste	Serpa et al. (2022); Rosa et al. (2020)

Fonte: Elaboração própria. (1) Se na posição na ocupação do trabalho era “Empregador” ou “Conta própria”. (2) Todos aqueles que declararam ser da raça ou cor preta, parda, amarela ou indígena.